

Das muitas memórias dos exílios: uma leitura analítica dos livros *Memórias do Exílio* e *Memórias das Mulheres do Exílio*

Eloisa Rosalen*

Resumo

Muitos foram os livros de memórias escritos e publicados sobre a ditadura civil-militar do Brasil (1964-1985), em suas mais variadas formas, como: autobiografias, biografias, e depoimentos recolhidos. Com relação aos exilados/as dessa mesma ditadura duas obras se destacam/destacaram: *Memórias do Exílio, Brasil 1964-19???:1.De Muitos Caminhos* e *Memórias das Mulheres do Exílio*, ambas do *Projeto Memórias do Exílio*. Seu destaque se deu em virtude do pioneirismo, já que foram as primeiras publicações de exílios das ditaduras do Cone Sul, e da produção (recolhimento e publicação) de memórias que foram e são indispensáveis para as pesquisas sobre exílio da ditadura do Brasil. Por isso, este artigo tem como objetivo tentar compreender como seu deu a produção e organização dos dois livros supracitados. Isto é, a partir da compreensão teórica que a história (enquanto disciplina) pode oferecer sobre a prática da leitura, levantadas por Roger Chartier e por Robert Darnton, busca-se visualizar as estratégias produzidas pelos/as organizadores/as a fim de indicar uma leitura autorizada das duas obras.

Palavras-chave: memórias, leitura autorizada, e *Projeto Memórias do Exílio*

A ditadura civil-militar do Brasil (1964-1985) fez com que muitas pessoas buscassem o exílio como forma de preservar a vida, para escapar da repressão ou perseguição, por terem sido banidas, por auto-exílio, para acompanhar familiares, entre outros motivos. A partir da anistia em 1979, ou até anteriormente, muitos livros de memórias foram escritos e publicados, em suas mais variadas formas, como: autobiografias, biografias, e depoimentos recolhidos. Duas obras se destacam/destacaram a respeito do exílio, e são: *Memórias do Exílio, Brasil 1964-19???:1.De Muitos Caminhos* e *Memórias das Mulheres do Exílio*, ambas do *Projeto Memórias do Exílio*.

No início de 2014, quando li esses dois livros, fiz uma série de perguntas sobre a proposta e objetivo, já que aparentemente faziam parte de um mesmo projeto, com livros que faziam sequência, mas com conteúdo muito diferente. Na época essas questões ficaram sem resposta e hoje, com mais leituras e fontes, arrisco-me a respondê-las mesmo que de forma

* Mestranda em História Cultural na Universidade Federal de Santa Catarina/Capes.

inicial. Por isso, este artigo tem como objetivo tentar compreender como seu deu a produção e organização dos dois livros supracitados.

De tal forma me oriento pelas questões levantadas por Roger Chartier e por Robert Darnton, a fim de perceber qual é a compreensão teórica que a história (enquanto disciplina) pode oferecer sobre a prática da leitura. Partindo, principalmente, das idéias elencadas por estes autores de que: a leitura tem história (DARTON, 1992, p. 200), e ela está entrelaçada com o tempo, com o espaço e com a comunidade de leitores (BOURDIEU; CHARTIER, 1996). Em que o/a autor/a, o/a técnico/a e o/a leitores/as se colocam em um âmbito de relação, onde um não existia sem o outro; e não existe texto sem suporte (CHARTIER, 1992, p. 220).

Nesse sentido, o historiador Roger Chartier explica que a história oferece duas abordagens, para se pensar as apropriações da história da leitura, que são necessariamente ligadas (CHARTIER, 1992, p. 215): 1º “reconstruir a diversidade de leituras mais antigas a partir de seus vestígios múltiplos e esparsos” (CHARTIER, 1992, p. 215); 2º “identificar as estratégias através das quais autoridades e editores tentaram impor uma ortodoxia ou uma leitura autorizada do texto” (CHARTIER, 1992, p. 215). E é nessa segunda abordagem que este artigo pretende focar. A partir do objetivo proposto anteriormente, busca-se visualizar as estratégias produzidas pelos/as organizadores/as a fim de indicar uma leitura autorizada das duas obras.

Ainda para esse pesquisador, “dentre essas estratégias, algumas são explícitas e se fundamentam no discurso (em prefácios, prólogos, comentários e notas), e outras são implícitas” (CHARTIER, 1992, p. 215), o que transforma o texto em um mecanismo que impõem uma compreensão considerada legítima (CHARTIER, 1992, p. 215). Por isso usarei/utilizarei o material elaborado (prefácio, introdução, suporte e depoimentos sobre as obras) para visualizar a produção e suas respectivas estratégias. Para melhor entender as estratégias implícitas ou explícitas das obras irei analisar tanto os elementos gráficos quanto os elementos textuais, sem perder de vista que fazem parte de um todo, o suporte, que são esses livros impressos. Os elementos que mais me chamaram a atenção foram: as capas, contracapas, sobrecapa, introdução, apresentação, entre outros.

Antes de prosseguir para a análise das obras, cabe mencionar a importância dessas produções. Para o pesquisador Pablo Yankelevich, o “trabalho de reconstrução de experiências exilares são devedoras de algum modo de uma autêntica explosão de memórias” (YANKELEVICH, 2011, p. 21), e o destaque sobre esse tipo de publicação deve ser dado aos brasileiros, “por terem sido os primeiros a transitar no caminho do exílio após o golpe de

Estado de 1964” (YANKELEVICH, 2011, p. 21), o que fez deles pioneiros em recolher memórias, como as duas obras supracitadas (YANKELEVICH, 2011, p. 21). Logo, a relevância desse material está ligada ao seu pioneirismo e a produção (recolhimento e publicação) de memórias que foram e são indispensáveis para as pesquisas sobre o exílio da ditadura do Brasil.

Memórias do Exílio, Brasil 1964-19???: 1.De Muitos Caminhos

As *Memórias do Exílio, Brasil 1964-19???:1.De Muitos Caminhos* com primeira edição mundial publicada em 1976, e edição brasileira em setembro de 1978, foi organizada e dirigida por Pedro Celso Uchôa Cavalcanti¹ e Jovelino Ramos², com o ‘patrocínio’ de Paulo Freire³, Abdias do Nascimento⁴ e Nelson Werneck Sodré⁵. Tratava-se da primeira obra publicada do *Projeto Memórias do Exílio*, que, segundo explicações dos organizadores na sua introdução, “nasceu assim de uma preocupação com o passado” (Cavalcanti; Ramos, 1978, p. 09) e com futuro (Cavalcanti; Ramos, 1978, p. 09) por parte dos exilados⁶ que foram excluídos da vida pública do Brasil.

O pesquisador James N. Green, ao falar sobre a luta pela anistia por parte de exilados/as nos Estados Unidos, relata que existiu uma rede sólida de exilados/as e organizações não governamentais (GREEN, 2010). Ele narra, a partir do depoimento de Clovis Brigagão, que esta rede organizou uma série de reuniões (GREEN, 2010, p. 304) e que foram nessas reuniões que surgiu a ideia de elaboração de um livro que documentasse a experiência dos exilados (GREEN, 2010, p. 304). Tratava-se das *Memórias do Exílio*. Este mesmo autor relata:

Segundo Pedro Celso Uchôa Cavalcanti, [...], Rubem César Fernandes foi quem iniciou a ideia de documentar a experiência do exílio. Ambos haviam fugido do Brasil na década de 1960 e acabaram estudando na Polônia. Em seguida, Pedro Celso tornou-se professor nos Estados Unidos e Rubem César

¹ Pedro Celso Uchôa Cavalcanti foi um sociólogo brasileiro, que viveu no exílio em diversos países como: Estados Unidos, Itália, França, Polônia, e Portugal

² Jovelino Ramos era ligado a Ação Popular, e se exilou nos Estados Unidos.

³ Paulo Freire nasceu em 1921 e faleceu em 1997, foi educador e pedagogo, e é mundialmente conhecido por isso; viveu no exílio de 1964 até 1980, passando pela Bolívia, Chile, Estados Unidos, Suíça, Moçambique e Guiné-Bissau.

⁴ Abdias do Nascimento nasceu em 1914 e faleceu em 2011, foi um político ativista do Movimento Negro no Brasil, sendo extremamente reconhecido; viveu no exílio nos Estados Unidos de 1968 até 1978.

⁵ Nelson Werneck Sodré nasceu em 1911 e faleceu em 1999, foi um renomado historiador brasileiro, optou por não exilar-se, mas teve os direitos políticos cassados e chegou a ser preso.

⁶ Deixei a palavra ‘exilado’, no masculino, porque é assim que aparece na introdução.

foi para Nova York a fim de completar o doutorado na Columbia. “A ideia começou no ano da Revolução em Portugal, e acho também em grande parte por causa da vitória do MDB nas eleições de 1974”, recorda Pedro Celso. De Nova York, Rubem César conseguiu dinheiro da Fundação Ford para financiar o projeto, e Pedro Celso e Jovelino Ramos deram seus nomes como editores porque já haviam legalizado seu status nos Estados Unidos. Clóvis Brigagão, Rubem César Fernandes, Valentina da Rocha Lima e Marcos Arruda colaboraram nos bastidores. Paulo Freire, Abdias do Nascimento e Nelson Werneck Sodré, eminente intelectual de esquerda, “patrocinaram” o projeto, porque seus nomes eram mais conhecidos no Brasil e entre os exilados que viviam no exterior. (GREEN, 2010, p. 304)

Green, a partir dos depoimentos que recolheu, trouxe detalhes importantes, entre eles o financiamento da Fundação Ford (que não é mencionado no material impresso); os nomes dos colaboradores e a colaboradora; a escolha para a autoria da organização do livro e do patrocínio do livro. A mais importante dessas informações, certamente, está relacionada à escolha do patrocínio da obra, já que é a partir dela que é possível perceber uma estratégia a fim de impor uma leitura autorizada. Escolher Paulo Freire, Abdias do Nascimento e Nelson Werneck Sodré, intelectuais renomados e bastantes conhecidos dentro e fora do Brasil, foi uma forma de dar credibilidade, visibilidade e legitimidade à obra, que se conectou a atuação e produção desses intelectuais.

Lamentavelmente não consegui, de forma direta, nenhum depoimento dos organizadores desse volume que contasse um pouco sobre o projeto como um todo e sobre a obra organizada. Só tive acesso ao texto de James N. Green que traz trechos de algumas entrevistas. Nesse sentido também, não tenho muitas informações que possam cotejar uma melhor análise sobre o *Projeto Memórias do Exílio* como um todo, e talvez se torne arbitrário nomeá-lo assim, já que pode significar uma unanimidade que muito provavelmente não existiu. Por isso, as únicas explicações que possuo sobre a organização e publicação da obra encontram-se na própria obra.

Nesse sentido, outro recurso que apresenta elementos das estratégias utilizadas para uma leitura autorizada é a *Introdução das Memórias do Exílio*, que se divide em três partes: *I- A história das memórias do exílio; II- Método; III- Esse I volume; IV- Perspectivas*. É, a partir dela, que se localiza o objetivo da obra, as explicações sobre as escolhas, a metodologia para elaboração do material, entre outros comentários sobre o material recolhido. Que serão elencados a seguir.

Como relatado na introdução da obra, inicialmente o projeto, que começou no ano de 1974, enviou cerca de 1500 convites para brasileiros/as solicitando que escrevessem de 15 a



20 páginas sobre uma série de temas relacionados sobre o exílio, mas as respostas que tiveram foram poucas e aos poucos (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 10). O que fez com os organizadores mudassem de ideia e passassem a fazer entrevistas, resultando em cerca de 2.000 páginas de “memórias” (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 11) recolhidas. Mediante a essa situação, conforme mencionado na introdução, os organizadores fizeram uma seleção que estabeleceu a seguinte classificação: 1. Lugares; 2. Datas; 3. Sexo; 4. Profissão; 5. Política; 6. Tipos de texto; 7. Temas desenvolvidos no texto; 8. Tamanho do texto (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 18).

O método utilizado foi de realizar perguntas de acordo com dois grupos de problemas: o primeiro ligado um marco temporal, a fim de pensar “mudanças e continuidades, o antes e o depois do exílio” (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 11), sem ignorar as perguntas ligadas a perspectiva de futuro (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 12); e o segundo ligado a ordem espacial resumida na expressão de “onde e para onde” (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 13), pensando questões como deslocamento e a mobilidade social com o exílio (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 13).

Para os organizadores o objetivo da obra era de que “estas *Memórias* deveriam documentar não só os projetos políticos globais dos exilados brasileiros, como também a convicção específica de que o direito à liberdade de opinião deve ser parte das razões que podem justificar o próprio exílio” (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 17). É nesses dois termos (projetos políticos e direito à liberdade) que se visualiza um direcionamento explícito do que o/a leitor/a vai encontrar no texto, que pode ser notados no conteúdo dos seus depoimentos.

Os depoimentos escolhidos e publicados ao longo do livro, sendo em sua grande maioria de homens – já que dos vinte relatos e um dossiê, apenas cinco são dedicados às mulheres -, exprimem questões como: a trajetória de militância; a luta contra a ditadura ou outras lutas políticas ligadas a ideia de revolução; análise de conjunturas do Brasil e do Chile (lugar em que muitos fizeram o primeiro exílio); entre outras. Em menor proporção, alguns pontos sobre o exílio foram relatados, como: o sentimento de pertença ao Brasil, de transitoriedade, de estrangeiro no país no qual está vivendo; o trabalho no qual estão inseridos no exílio; o fato de ser ou não enquadrado como refugiado político; entre outros pontos. Interessante perceber que o exílio quase não aparece retratado se comparado às outras questões levantadas. Por último, os depoimentos possuem os mais variados tamanhos desde algumas páginas até várias



dezenas delas, com a seguinte divisão em três partes: *Entrevistas; Manuscritos e Dossier Frei Tito*.

Essa primeira obra, publicada em 1976, está extremamente marcada por uma intenção de denunciar as atrocidades da ditadura, a partir da narração das suas próprias trajetórias, em um contexto em que não se visualizava o fim do regime. Sensação essa que pode ser vista no próprio título da obra (*Memórias do Exílio, Brasil 1964-1976: 1. De Muitos Caminhos*), é que se registra o ano início, mas não o final fica em aberto com os pontos de interrogação.

Além disso, conforme apresentado na *Mini-ideologia (do projeto)*, na parte *II-Método*, a “intenção primária era a de documentar as experiências do exílio em toda a sua diversidade” (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 17), sem traçar um perfil ideológico coerente dos exilados brasileiros (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 17). O que aponta que os relatos estavam demarcados por uma diversidade, isto é, sem uma restrição ligada ao posicionamento ideológico ou de organização de esquerda do qual participavam.

Outro elemento que traz um interessante discurso ligado à leitura autorizada do material são as capas e contracapas das obras. Como pode ser visto (imagem 01), a capa da 1ª edição mundial, de 1976, trazem os títulos do livro e do projeto e a cor verde e amarela, cores que simbolizam o Brasil. Já a capa da edição brasileira (imagem 02) traz a imagem dos 70 banidos, que foram trocados pelo embaixador da Suíça (sequestrado pela Vanguarda Popular Revolucionária), em 14 de janeiro de janeiro de 1971, na chegada ao Chile. A imagem está cortada, mas no lado esquerdo é possível ver o cantinho da bandeira chilena que foi estendida no momento. Além da bandeira, é possível visualizar o punho cerrado e braço erguido de alguns presentes, um dos símbolos mais utilizados pela esquerda.



Imagem 01 - Capa da 1ª Edição Mundial

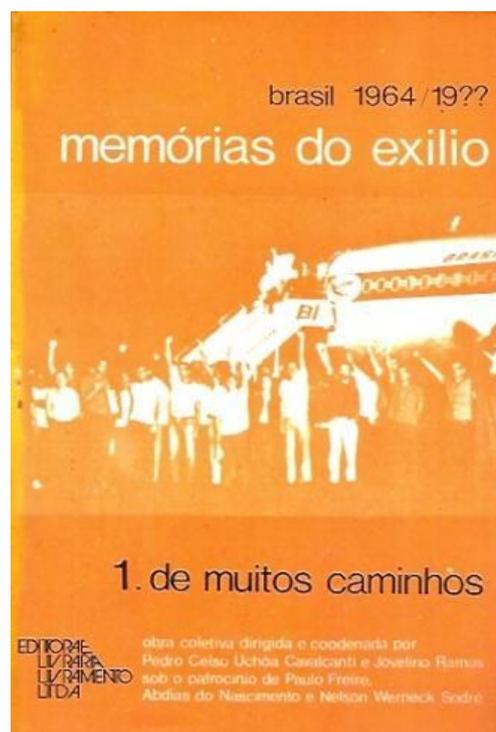


Imagem 02 - Capa da 1ª Edição do Brasil

Apesar de imagens bem diferentes, são muito representativas, uma vez que apresentam as cores símbolo da Republica Federativa do Brasil (imagem 01) e o banimento, que é considerado como uma exclusão de determinado estado nacional (REIS, 2014) (esse mesmo das cores verde e amarela), de brasileiros e a recepção no Chile (imagem 02). Além de que, a segunda capa traz a ideia de pessoas deixando o país, o que acaba condizendo com o pensamento de se publicar memórias do exílio. Talvez, as escolhas não tiveram uma intencionalidade explicita, mas acabam se tornando simbólicas mediante ao que pretendiam exibir ao longo do livro, ao trazer depoimentos de exilados/as brasileiros/as, isto é, excluídos, expulsos, e deslocados do seu próprio país.

Na contracapa do livro (em ambas as edições) tem-se outro direcionamento do que como pode ser encontra/buscado nessa obra. Nesta parte, se apresenta que “o exílio é parte da experiência brasileira na última década” (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. s/n), onde muitos “líderes sindicais, políticos, acadêmicos, artistas, militares, estudantes – uma parcela significativa da vida nacional passou estes anos no estrangeiro” (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. s/n), vivendo em diversos lugares. Para tanto, lançou-se as seguintes perguntas:

Como esta internacionalização de brasileiros afeta a sua visão do mundo?
Como esta experiência modifica a visão que os exilados têm do Brasil?
Que impacto terá o exílio sobre a cultura do país?

Perguntas como estas precisam ser respondidas, pois os brasileiros no exílio não estão fora, mas sim dentro da história do Brasil contemporâneo. Esperamos que esta obra abra também o caminho para uma reflexão sobre a influência do exílio de milhares de portugueses na sua história recente (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. s/n).

Essas informações apresentadas, na contracapa, se tornam interessantes, uma vez que tentam avisar e, ao mesmo tempo, apresentar interrogações que aparentemente podem levar o/a leitor/a a se interessar pelo livro. Mas também pode ser considerado como um indicativo de direção, com o qual os organizadores estavam preocupados, na qual o/a leitor/a deve interpretar a obra a fim de um entendimento ‘correto’ do material.

Por último, nas últimas páginas (não numeradas) do livro se encontra, entre outras coisas⁷, a menção de que um novo volume que estava sendo preparado e os endereços para o envio de depoimentos. Tem-se aí o convite para que as mulheres contribuíssem “na construção da sua história” (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. s/n) a partir da próxima publicação. Esse que encerrou, já que foi a última publicação, o *Projeto Memórias do Exílio*, e tratava-se do livro *Memórias das mulheres do exílio*, que será alvo de análise no próximo tópico.

Memórias das Mulheres do Exílio

Memórias das Mulheres do Exílio, o volume dois do *Projeto Memórias do Exílio*, foi publicado em 1980, mas com depoimentos recolhidos antes de 1979. Tratava-se também de uma obra coletiva com organização do Grupo de Mulheres Brasileiras de Lisboa, mas com as assinaturas de direção e de edição realizadas por Albertina de Oliveira Costa⁸, Maria Teresa Porciuncunla Moraes (Tetê Moraes)⁹, Norma Marzola¹⁰ e Valentina da Rocha Lima¹¹. Como na obra anterior, tinha o financiamento da Fundação Ford e o ‘patrocínio’ de Paulo Freire, Abdias do Nascimento e Nelson Werneck Sodré, com intuito dar credenciais (conforme já mencionado).

⁷ Apresenta também o objetivo do projeto e o tipo de material que deveriam enviar (textos, entrevistas, cartas, diários, contos, poemas e crônicas).

⁸ Albertina de Oliveira Costa é uma socióloga e feminista brasileira. Exilou-se em Paris de 1971 até 1976 e em Lisboa de 1976 até 1981.

⁹ Maria Teresa Porciuncunla Moraes é uma cineasta brasileira, exilou-se no Chile, Estados Unidos, França e Portugal.

¹⁰ Norma Marzola é uma educadora e jornalista, foi cassada pelo AI-5. Exilou-se em Portugal de 1974 até 1980.

¹¹ Valentina da Rocha Lima é uma historiadora. Exilou-se na França e Portugal, e quando retornou ao Brasil trabalhou com história oral no CPDOD/FGV.

Albertina de Oliveira Costa ao contar, na mesa redonda Exílio e Gênero no *I Colóquio Internacional: Gênero, Feminismo e Ditaduras do Cone Sul*¹², sobre o *making of* da produção do livro explicou que o Grupo de Mulheres Brasileiras em Lisboa “era um grupo híbrido, entre um grupo de autoconsciência ou de reflexão (como se queria no Brasil) e um grupo de estudos” (COSTA, 2009b), que possuía características muito heterogêneas, e juntava as mais diversas mulheres das mais diversas posições políticas, mas sempre em oposição à ditadura que acontecia no Brasil (COSTA, 2009b). Ainda segundo ela:

Dele participava a historiadora Valentina da Rocha Lima, mulher de Pedro Celso Cavalcanti um dos coordenadores do projeto Memórias do Exílio, que convidou o Grupo de Mulheres Brasileiras de Lisboa para dar um depoimento. O convite levou a uma leitura coletiva do primeiro volume *De muitos caminhos 1964-19??*, que acabava de ser publicado, e resultou na sensação de que as mulheres estavam ausentes da obra. Essa insatisfação levou à contraproposta de elaborar um volume sob uma ótica completamente diferente e inteiramente nova. Um volume só com mulheres (COSTA, 2009a, p.180).

E foi pela sensação de que as mulheres estavam ausentes que se decidiu organizar um novo livro, mas só com mulheres. Facilitadas pela relação que o grupo tinha com Valentina da Rocha Lima, que por sua vez era casada com Pedro Celso Uchôa Cavalcanti e participara, nos bastidores, da organização do primeiro volume, o livro *Memórias do Exílio, Brasil 1964-19??:1.De Muitos Caminhos*. E também, pelo contexto em que essas mulheres pensaram nessa ausência, já que participavam de um grupo de consciência¹³ no qual discutiam suas experiências enquanto mulheres, em um momento (os anos 70, período de pós-ditadura em Portugal e de contínua ascensão do feminismo de segunda onda na Europa) que era propício para esse debate.

As organizadoras contam que inicialmente tentaram recolher depoimentos espontâneos, através de mais de 2000 convites para a escrita (COSTA et al, 1980, p. 22), mas não tiveram muito êxito a respeito. Conforme Albertina de Oliveira Costa, uma caixa postal foi criada para receber depoimentos, mas só chegou um (COSTA, 2009b), por isso decidiram realizar entrevistas. Portanto, “o livro reúne trinta depoimentos que se originaram de

¹² As falas da Mesa Redonda Exílio e Gênero, da qual Albertina de Oliveira Costa deu o seu depoimento, se encontram gravadas no DVD do evento no Acervo do Laboratório de Estudos de Gênero e História (promotor do evento) da Universidade Federal de Santa Catarina.

¹³ Conforme Joana Maria Pedro e Cristina Sheibbe Wolff (2007) os grupos de consciência, emergiram a partir dos meados dos anos 70, nos Estados Unidos, onde mulheres (muitas donas de casa de classe média urbana) passaram a discutir sobre as suas próprias vidas. Isso aconteceu em diversos países, e entre as mulheres exiladas podemos destacar o *Circulo de Mulheres Brasileiras*, grupo *Nosotras*, e o *Grupo de Mulheres Brasileiras de Lisboa* (que era uma mescla entre grupo de consciência e de estudo).

entrevistas, e um depoimento escrito. As entrevistas eram sempre de uma pessoa, e havia duas entrevistadoras da equipe. As entrevistas foram realizadas, sobretudo, na França, em Paris, e em Lisboa” (COSTA, 2009b). Com ajuda dos colaboradores que se encontram denominados nos agradecimentos, sendo eles/as: Betty Chamovitz, Clovis Brigagão, Glória de Araújo Ferreira, Grupo de Mulheres Brasileiras de Lisboa, Vilma Drey e Ângela da Cunha Neves.

A metodologia da história oral acabou se tornando um aparato importante, apesar de dito anteriormente que as entrevistas foram realizadas por ausência de depoimentos espontâneos, já que a busca do grupo foi por relatos que trouxesse a “a nossa vivência como mulheres no terreno onde o subjetivo e objetivo se entrelaçam: o das emoções e o da história pessoal concreta, das mudanças cotidianas e nem por isso menores, nem por isso menos históricas” (COSTA et al, 1980, p. 17). Relatar sobre o cotidiano, que para a “época era uma coisa totalmente ignorada” (COSTA, 2009b), foi possível a partir da utilização dessa metodologia e do “entusiasmo de Valentina da Rocha Lima” (COSTA, 2009b).

Além das já citadas, outras complicações foram mencionadas por Albertina de Oliveira Costa. A primeira delas está ligada ao financiamento da Fundação Ford que gerava desconfianças entre os/as exilados/as em virtude de que para muitos essa Fundação era sinônimo de CIA. A outra dificuldade, mas não menos importante, era o fato de que “as mulheres espalhadas por diversos continentes achavam suas vidas desinteressantes e só aceitavam falar depois de muita insistência e boas recomendações” (COSTA, 2009a, p.181). É importante relatar que muitas pessoas desistiram após dar o depoimento, e o “o motivo foi ‘não é importante’, ‘pensei melhor’, ‘meu marido não quer’” (COSTA, 2009b),

Com o recolhimento do material, foi necessário realizar uma seleção, que foi de acordo com os seguintes critérios: 1. Idade; 2. Background social; 3. Situação familiar; 4. Relação com a política; 5. Época de saída do Brasil; 6. Razão de saída; 7. Condições da partida; 8. Países de exílio (COSTA et al, 1980, p. 22). O tamanho dos depoimentos selecionados foi o mais variado possível, desde algumas páginas até uma dezena delas, sendo que alguns deles foram editadas para a publicação. Ao explicar as edições e o fato de que alguns depoimentos têm só o primeiro nome ou um pseudônimo Albertina de Oliveira Costa comenta que:

[...] as pessoas que se identificaram então eram aquelas mais comprometidas, porque de algum modo não tinham mais nada a perder. Então podiam falar porque já estavam banidas mesmo e tal. E aquelas que tinham alguma coisa pediram, e então nos tivemos o cuidado de suprimir e adulterar todos os

episódios que pudessem a levar a identificação de pessoas que não queriam ser identificadas. (COSTA, 2009b)

Apesar das dificuldades, conseguiram realizar as entrevistas e, conseqüentemente, publicar o livro dedicado somente à mulheres brasileiras exiladas. E é principalmente na *Introdução* dessa material impresso que encontro as diferenças e as estratégias para uma leitura autorizada. Ela foi dividida em seis partes: *I-Em torno de memória, história, raiz; II- Em torno de quem é exilada; III- Em torno de trabalho, aprendizagens, gratificações; IV- Em torno de personagens, e de capítulos; V- Em torno de espaço e tempo; VI- Em torno de saudade.* E (além de apresentar as credenciais, financiamento, metodologia e explicações sobre os convites, conforme já exibido) apresenta o entendimento que o grupo teve sobre a definição da categoria exilada e as definições do que traz cada capítulo do livro.

Ao explicarem, no *II- Em torno de quem é exilada*, as organizadoras acabaram por trazer outro diferenciador das duas obras. Para elas “são exiladas as perseguidas, as punidas, as presas e torturadas. São exiladas as que sofreram perseguições indiretas. Esposas, mães, filhas e amantes [...]”(COSTA et al, 1980, p. 18), entre outras. Essa concepção da categoria foge da ideia de que exilados/as são somente aqueles/as que são afetados/as diretamente pelo caráter político, isto é, pessoas que são perseguidas pela sua posição política¹⁴. E amplia para todos/as sujeitos que são de forma direta e indireta afetados, como esposas, filhas, banidas, presas, entre outras.

Com uma definição mais ampla e trazendo as mulheres que não foram afetadas diretamente, *Memórias das Mulheres do Exílio* acaba se distanciando dessa definição e oferecendo ao leitor/a um questionamento tanto da definição quanto da obra anterior, que está pautada nessa categoria. Isto é, apesar do intuito de produção da obra *Memórias do Exílio* era de trazer relatos sobre o exílio em suas mais diversas experiências, na obra só foram publicados depoimentos de pessoas que foram atingidas diretamente por suas escolhas políticas; diferentemente da segunda obra que tentou contemplar todas as pessoas afetadas, apesar de sua agenda política ou não. Para tanto, as organizadoras deram outro título e explicaram na introdução o porquê de uma obra dedicada somente às mulheres:

Talvez porque nem sempre as mulheres se sentiram incluídas quando partiu o convite inicial para que os exilados escrevessem as suas memórias. Talvez porque não se considerassem exiladas, ou não fossem como tais consideradas pelo projeto, aquelas cujas vidas foram profundamente afetadas

¹⁴ Para uma melhor discussão a respeito das categorizações migratórias ler Castles (2005).

por acompanharem marido, companheiro, filhos, pais. Certamente porque constatamos que as mulheres, em seus depoimentos no primeiro volume, situavam-se quase que exclusivamente como militantes políticas, deixando apenas entrever – o fato de serem mulheres. E, sobretudo, porque partimos de nossa própria condição, sabendo que o que queríamos dizer era de mulheres. Era a nossa ótica. Era a tentativa de recuperar a nossa experiência no que ela tem também de específico, torná-la descritível para transmiti-la (COSTA et al, 1980, p. 22).

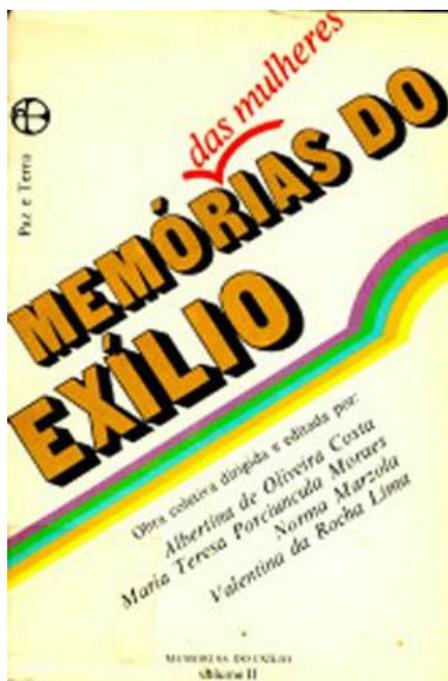
Mas também, conforme foi visto no trecho da introdução citado, era alvo do livro explicitar e colocar na ‘história’ as suas experiências como mulheres exiladas, já que consideravam que eram diferentes daquelas masculinas e por perceber que não foram contempladas pela primeira obra. Nessa estão presentes os relatos, opiniões e percepções, focalizando a situação peculiar que cada uma dessas mulheres viveu, ao longo das suas trajetórias, pelo fato terem se tornado mulheres. Isso tudo, como dito, em oposição ao primeiro livro, e, sobretudo, ao sujeito universal masculino que parece estar representado nele.

É nos depoimentos que refletem melhor estas escolhas de testemunhos de mulheres e a concepções da categoria de exilado/a. Os depoimentos do segundo livro estão pautados sobre: a trajetória de vida; a trajetória de militância política; a vida no exílio; a tomada de consciência sobre sua situação enquanto mulher; a família, o casamento, os/as filhos/as, e o marido; os vários exílios e o que eles modificaram em suas vidas; o trabalho que desempenharam no exílio; a tomada de decisão do exílio, e a quem ela coube; as dificuldades enfrentadas ao longo da trajetória por ser mulher; entre outros.

Em outras palavras, foi o cotidiano de mulheres brasileiras exiladas que foi narrado e apresentado nessa obra. Essa escolha, certamente, está relacionada pela forte ligação o

feminismo de segunda onda, do qual essas mulheres eram militantes, e no qual o pessoal e o cotidiano também são políticos. Essa relação é explícita, principalmente, pelo fato da elaboração do livro vir do Grupo de Mulheres Brasileiras de Lisboa, um grupo de autoconsciência.

Por último, outro recurso para a leitura autorizada está ligada a capa e contracapa da obra. O livro *Memórias das mulheres do exílio* (imagem 03) traz





elementos textuais, como título da obra e nomes das pessoas que dirigiram e organizaram o livro, e um arco-íris. A forma como foi apresentado o título, em que uma espécie de risco anexa o termo “das mulheres” a frase memórias do exílio. Torna-se um tanto simbólico, se pensarmos que o objetivo dessa obra era ampliar as *Memórias do Exílio* a partir da inclusão dos relatos das mulheres e suas experiências. O arco-íris pode ter várias significados, como a diversidade e/ou a transfiguração, mas não foi explicado na obra.

Imagem 03 - Capa Única Edição

Na contracapa do livro tem-se a lista dos depoimentos e os seguintes os dizeres “MULHERES FALAM: Brasil/ saída /passado /formação/ militância política/ cotidiano/ exílio/ descobertas/ problemas/ mudanças/ feminismo/ ganhos/ perdas (COSTA et al, 1980, p. s/n). Indicando assim, ao leitor/a um direcionamento, com palavras-chaves, do que pode ser encontrado na obra: mulheres exiladas que trazem suas experiências em relação a todos os itens citados acima.

Considerações Finais

Os livros *Memórias do Exílio, Brasil 1964-1979: 1. De Muitos Caminhos e Memórias das Mulheres do Exílio* organizados e publicados a partir do *Projeto Memórias do Exílio* hoje pode ser considerado uma das mais interessantes fontes para quem pesquisa sobre o exílio de brasileiros/as durante a ditadura civil-militar do Brasil (1964-1979). Com depoimentos recolhidos durante esse período, os organizadores como um todo tiveram uma série de problemas como: a dificuldade de conseguir depoimentos espontâneos; as desistências, principalmente, por parte das mulheres; as desconfiças por conta do financiamento pela Fundação Ford; entre outras. Para tanto, como estratégia, escolheram de forma intencional três intelectuais reconhecidos, a fim de garantir credibilidade e legitimidade tanto para recolher os depoimentos quanto para publicarem as obras.

Essas obras, de fácil acesso, possuem diferenças visíveis. A começar pela definição da categoria de exilado/a e a ausência de mulheres que foi ampliada com o segundo volume. Também, a escolha pelos depoimentos parece que delimitou os conteúdos privilegiados, onde de certa forma o cotidiano e experiências pessoais se sobressaíram no segundo volume, em detrimento do político (em um senso restrito) e militância política do primeiro volume. Isso tudo, certamente, ligada ao fato de que para o feminismo de segunda onda, do qual essas mulheres eram militantes, onde o pessoal e o cotidiano também é político.



Ao longo das introduções, capas e contracapas de cada obra, essas diferenças são apresentadas a partir de estratégias visuais a fim de impor uma leitura legítima do material, como: o título dado a cada uma delas; as escolhas (talvez não intencionais dos desenhos) das capas e das palavras chaves publicadas nas contracapas. Que, obviamente, se somam as explicações das escolhas teóricas e metodologia da produção e elaboração do material.

Apesar de ter consciência da relação existente entre leitor e autor, o público alvo parece que não foi mencionando de forma muito explícita nas duas obras. Mas é possível pensar que se tratava de uma produção que tinha interesse em denunciar à ditadura, e apresentar uma forma de resistência às propagandas do governo de que exilados eram maus brasileiros (Cavalcanti; Ramos, 1978, p. 09). Também, é possível pensar que era voltada para pessoas interessadas na temática sobre o exílio, a partir de pesquisas futuras.

Aparentemente, e por não ter nenhuma fonte relatando sobre isso, foi um material que não sofreu censura, já que o primeiro volume foi publicado no Brasil em setembro de 1978, já nas vésperas da lei da Anistia, e o segundo em 1980 (após a Anistia). Será necessária uma maior verificação a respeito, e, também, sobre as ressonâncias, apropriações e leituras feitas desse material.

Por último cabe realizar um comentário sobre o destino do material recolhido pelos organizadores/as e colaboradores/as e que não foi publicado. Busquei informações a respeito, mas não obtive muito êxito. Albertina de Oliveira Costa informou que estava em posse de familiares de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti, nos Estados Unidos, mas que existia uma tentativa de trazê-los para o Brasil. Em buscas *online* realizadas no *Arquivo do Estado de São Paulo*, no *Projeto Memórias Reveladas*, no *Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)*, e no *Arquivo Edgar Leuenroth*, nada foi encontrado. Espero que em breve essa documentação venha para o Brasil, não somente para aprofundar a análise sobre as práticas de leitura, mas, sobretudo, devido à importância que estes documentos possuem tanto para pesquisas sobre o exílio da ditadura quanto para denúncias dos crimes cometidos nesse período.

5. Referências Bibliográficas:

AGAMBEN, Giorgio. Política del exilio, **Archipiélago**, n. 26/27, p. 41- 52, 1996.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.



CASTLES, Stephen. Migrações internacionais no limiar do século XXI: questões e tendências globais. In: CASTLES, Stephen. **Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios**: os trabalhadores convidados às migrações globais. Fim de Século, 2005, p. 15-43.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn Avery. **A Nova história cultural**. São Paulo: (1. reimpressão de 1995) Martins Fontes, 1992.

DARNTON, Robert. A história da Leitura. IN: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. 2.ed. São Paulo: UNESP, 1992.

GREEN, James N.. Exilados e acadêmicos: a luta pela anistia nos Estados Unidos. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 17, n. 29, p.295-312, set. 2010.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. Nosotras e o Circulo de Mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p.55-69, jun. 2007.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílio**: Entre raízes e radares. Niterói: UFF, 1999.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio**: e outros ensaios. São Paulo: Companhia Das Letras, 2003.

YANKELEVICH, Pablo. Estudar o Exílio. IN: QUADRAT, Samantha Viz (org). **Caminhos cruzados**: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

6. Fontes:

CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino (Org.). **Memórias do exílio, Brasil 1964-19???: 1. De muitos caminhos**. Vol. 1. Editorial Arcádia, 1976.

COSTA, Albertina de Oliveira; LIMA, Valentina da Rocha; MARZOLA, Norma e MORAES, M. Teresa Porciúncula. (Org.) **Memórias das mulheres do exílio**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

COSTA, Albertina de Oliveira. Memórias do Exílio uma Visão dos Bastidores. **Cadernos de Crítica Feministas**, Recife, Ano III, N. 2, p.178-181,dez. 2009a.

COSTA, Albertina de Oliveira. Exílio e Gênero. IN: COLÓQUIO Internacional Gênero, Feminismos e Ditadura no Cone Sul. Florianópolis: Laboratório de Estudos de Gênero e História, 2009b. DVD, P&B.